

## A TERRÍVEL ARTE DA TRADUÇÃO

A. MACHADO PAUPÉRIO

*SUMÁRIO - 1. A tradução como arte criadora. 2. A tradução do Fausto, de Goethe, por Antônio Feliciano de Castilho, e das Cartas Persas, de Montesquieu, por Mário Barreto. 3. A tradução, também clássica, do Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand, por Porto-Carrera. 4. A tradução, em prosa e verso, de Romeu e Julieta, de William Shakespeare, por Onestaldo de Pennafort. A cena V do ato III na pena de Onestaldo e de Olavo Bilac. 5. Nossa experiência quanto a traduções perigosas em trabalhos jurídicos.*

1. Dentro da arte literária, assume a tradução uma arte mais difícil e requintada ainda, própria quase dos deuses e não dos mortais.

Mas é óbvio que o homem não pode dispensar a tradução. A literatura, como expressão genial dos povos mais cultos, deve ser colocada à disposição dos povos menos evoluídos. A tradução, mesmo quando não expressamente didática, tem sempre um caráter de veiculadora de idéias. Não fosse a tradução, a Grécia não teria chegado a Roma e Roma não teria influído avassaladoramente sobre os povos de línguas neolatinas então formados.

A tradução é o elo que une o passado ao presente e que possibilita auscultar, na mesma hora, o sentir inspirado da ciência e a emoção estética mais apurada dos que se espraiam nos caminhos literários.

A tradução, porém, está longe de ser uma rotina. Quando se transforma em rotina, prostitui-se e decai, por não alcançar o espírito originário.

Não raro, o tradutor deve ser, em certo sentido, tão criador quanto o autor. E às vezes até requer-se do primeiro qualidades que se não exigem do segundo.

Se isso é verdade com relação à prosa, que não dizer com relação à poe-

sia, em que à autenticidade das idéias requer-se ainda, muitas vezes, a junção da coexistência do metro e da rima, que não devem, contudo, artificializar a produção? Nesses casos, o tradutor é um novo artista, que pode até superar propriamente o responsável pelo texto originário.

A língua portuguesa, mênção de Deus, tem tido exímios tradutores. No meio de muito cassange e de muita geringonça que encontramos em nossa literatura, não tem faltado entre nós cultores notáveis da tradução, mesmo em verso. São clássicas hoje as traduções de Antônio Feliciano de Castilho, do *Fausto* de Goethe; de Porto-Carrero, do *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand; de Onestaldo de Pennafort, do *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, à guisa de mera exemplificação.

2. A obra de Castilho é típica na literatura de Portugal e mostra à saciedade como é produto de paciência beneditina. Pode-se dizer que a obra foi inicialmente vertida pelo irmão do escritor, de nome José Feliciano de Castilho, que já traduzira, entre outras coisas, o *Guilherme Tell* e a *Maria Stuart*, de Schiller.

Apesar de conhecer bem o alemão, não sentiu José Feliciano de Castilho domínio absoluto sobre a linguagem do *Fausto*, cheia de dificuldades de toda ordem, e buscou subsídio na pessoa erudita de Eduardo Laemmert, residente, como ele, no Rio de Janeiro, e conhecedor suficiente das duas línguas indispensáveis à tradução.

Com tal colaboração, concluiu o irmão de Castilho a tradução, em metros variados, do admirável poema *Fausto*, que se queria ver vertido para a nossa língua.

Feita a primeira leitura, entusiasmou-se Antônio Feliciano de Castilho com a tradução realizada, mas, numa segunda análise, reconheceu pouca clareza em algumas partes e menos vernaculidade do que fôra para se desejar, em outras, uma vez que a obra, por sua projeção e altitude, merecia cuidado extremo.

Diante então das traduções já levadas a efeito, uma de seu irmão e de Eduardo Laemmert, outra de Ornellas, a que se juntaram outras quatro, francesas, em prosa entremeada de curtos trechos em verso, lançou-se Castilho, em grande estilo, à versão da obra de Goethe. Chamando à colação os trabalhos anteriores, constituíram estes verdadeiros andaimes para construir, com a maior severidade crítica, a tradução lapidar que iria ser o *Fausto* por sua mão genial.

Não importa que se possa dizer não ser Castilho um conhecedor da língua alemã. Ele mesmo relembra que um poeta de consciência pode verter a obra de outro, sem lhe perلustrar a língua. A Monti, na Itália, deve-se a melhor tradução da *Ilíada*, embora não conhecesse o grego. Aos salmos de David de-

vem-se centenas de versões levadas a efeito por excelentes poetas que estavam muito longe de conhecer a língua original em que foram escritos. O *Oberon*, traduzido diretamente do alemão pela marquesa d'Alorna, tornou-se notável e saboroso poema ao influxo do talento de Filinto, que, entretanto, confessa nada conhecer da língua alemã. A tais exemplos não faltou nem mesmo o caso de Machado de Assis, prosador e poeta a um tempo, e que deixou belíssimos fragmentos de poesias orientais interpretados, não dos textos originais, mas de versão inglesa idônea. O próprio Castilho relembra que, sem conhecer uma palavra sequer do dinamarquês e do suco, traduziu poesias daquelas nacionalidades, louvadas sempre por quem podia ter voto na matéria.

A questão, no caso, é ter o tradutor fiel e minuciosa interpretação do que pretende verter. Para conhecer o sol, que não podemos encarar de frente, diz Castilho, desenhamo-lo, tendo em vista sua imagem estampada no espelho refletor. Se desapareceram os esplendores deslumbrantes do astro-rei, descobriram-se de outro lado suas reais feições. (1)

Assim é na literatura. Ao tradutor cabe conhecer a sua língua melhor que a da obra original que pretende verter. Mas, está claro, se conhece, como um gigante, as duas línguas, seu trabalho de tradutor é admiravelmente facilitado. Exemplo do que dizemos é a notabilíssima tradução das *Cartas Persas*, de Montesquieu, feita pelo sempre lembrado filólogo patricio Mário Barreto.

3. Outra tradução clássica entre nós é a do *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, feita pelo nosso inesquecível Porto-Carrero.

Quando lemos essa tradução, ficamos deveras boquiaberto com a genialidade do tradutor, que se desdobra em múltiplas imagens, de filigranosa semelhança com as usadas no texto original francês.

É de todos conhecida a dificuldade que traria ao tradutor comum o verso primitivo de Rostand:

“Un point rose sur l'i du verbe aimer”,

diante do fato de não ter *i* o verbo *amar* em português.

Mas Porto-Carrero não se perturbou e, com as louçanias de seu gênio, traduziu com mão de mestre:

“Um ponto róseo no *i* do lábio que se adora”.

Maravilhosa ginástica mental capaz de trazer substantivo que, não pecando pela forma, não peca também pela idéia, que se mantém admiravelmente traduzida.

4. Outra tradução notável, em prosa e verso, da obra de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, foi levada a efeito por Onestaldo de Pennafort, por iniciativa de Gustavo Capanema, quando Ministro da Educação e Saúde, no Governo Getúlio Vargas, interessado em possibilitar, por meio de traduções fiéis, a representação das grandes peças do teatro universal.

Pelo inquérito sobre o assunto, em fins de 1936, uma das peças mais votadas foi *Romeu e Julieta*, como não podia deixar de ser, por constituir obra da mocidade de Shakespeare, toda feita de lirismo e ardor, sempre prontos a serem compreendidos pelo povo.

O amor é, sem dúvida, a mais simples, a mais popular e a mais compreensível das paixões humanas. Tal amor, espontâneo, fruto às vezes de um olhar, impulsivo e exclusivista, leva tudo de roldão e vence todos os obstáculos, inclusive as próprias convenções sociais. Tal amor eterniza-se na tragédia porque é mais poderoso do que a morte, segundo os próprios ensinamentos bíblicos.

Convencido disso, Onestaldo de Pennafort, escolhido para a tarefa, desincumbiu-se da tradução da tragédia shakespeariana, procurando observar “a mesma forma do original, ou seja, a forma alternada de prosa e verso, sob a qual se apresentam todas as peças de Shakespeare”.

Dessa forma, conservou Onestaldo o espírito da obra, certo de que, quando é o caso, “é preciso traduzir em verso para traduzir fielmente”.

Numa obra em verso, é curial que o tradutor guarde a mesma disciplina de composição observada no trabalho de origem, reconhece Onestaldo na *Introdução* que escreveu para o seu formosíssimo poema, traduzido do inglês segundo o texto da edição “Arden”. (2)

Tradutor já consagrado de *Festas Galantes* de Paul Verlaine, edição da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1934, Onestaldo houve-se nesse trabalho como um gigante, mantendo em belíssima forma o lirismo admirável de Shakespeare, inclusive na parte em verso do poema.

Tomemos ao acaso uma das cenas líricas culminantes da tragédia, a cena V do ato III. Se compararmos o texto inglês com o texto português, vamos ver que em nada perdeu o lirismo original com a cadeia das regras poéticas vernaculares, pois mantém, apesar da tradução, rimas perfeitas e oportunas. Ei-lo:

### *Julieta*

Queres partir? Ainda está longe o dia!  
Do rouxinol e não da cotovia  
Era essa voz que te feriu o ouvido,  
Quando ainda estavas meio adormecido.  
Todas as noites ele canta assim  
Na romanzeira! Podes crer em mim,  
Escuta, meu amor, é o rouxinol!

*Romeu*

É a cotovia anunciando o sol!  
Olha aquele rubor de luz distante  
Que enlaça e tinge as nuvens no Levante!  
As lâmpadas noturnas, que velaram  
Nossa noite nupcial, já se apagaram.  
E na crista dos píncaros brumosos  
A alegre aurora poussa os pés medrosos. \n  
Devo partir, partir para viver,  
Ou ficar em teus braços e morrer!

*Julieta*

Não é a luz do dia o clarão que tu vês,  
Eu bem sei, eu bem sei! É um meteoro, talvez,  
Que se exala do sol, como um luzeiro,  
Para guiar-te a Mantua, em meio ao nevoeiro!  
Fica um pouquinho mais! Ainda é cedo!

*Romeu*

Preso ou morto, que importa? É o teu desejo? eu cedo!  
Cumprirei de bom grado o teu desejo!  
Direi que esse clarão cinzento que além vejo  
Não é a luz da manhã que no céu se ensinua,  
Mas um reflexo pálido da lua!  
E que nas notas agudas dessa voz  
Que retinem no azul, tão altas, sobre nós,  
Não são da cotovia! Eu não quero partir,  
Eu prefiro ficar! Ó morte, podes vir!  
Que dizes, meu amor? Serei feliz  
Morrendo aqui! Julieta assim o quis!  
Que venha a morte! Ela será benvinda!  
Conversemos, querida; é cedo ainda!

### *Julieta*

Não! É o dia! Anda! Foge! É a cotovia, sim!  
É ela que canta áspera e aguda assim!  
E há quem diga que é doce o seu cantar!  
Mentira! Se ela vai nos separar!  
Dizem também que o sapo e a cotovia  
Trocaram de olhos! Bem melhor seria  
Que tivessem também trocado de voz,  
Voz que nos enche de um pavor atroz,  
Que afranca de mim, que me aparta de ti,  
Com os seus sons matinais que te expulsam daqui!  
Agora, vai! É o dia que amanhece!

### *Romeu*

Amanhece... porém, para nós anoitece!

Um outro poeta nosso, o admirável príncipe do parnasianismo brasileiro, Olavo Bilac, patrono da cadeira que tenho a honra de ocupar na Academia Carioca de Letras, verteu também para o português a cena V do ato III da tragédia de Shakespeare. E fê-lo com galhardia, correção e lirismo incomparáveis. A tradução é mais livre que a de Onestaldo, mas guarda um perfume que dificilmente se esvai depois da leitura unguida de seus versos.

Releamos Bilac e sintamo-lhe o estro maravilhoso no português escorreito de sua versão:

### *Julieta*

Por que partir tão cedo? inda vem longe o dia...  
Ouves? é o rouxinol. Não é da cotovia  
Esta encantada voz! Repara, meu amor!  
Quem canta é o rouxinol na romanzeira em flor.  
Toda a noite essa voz, que te feriu o ouvido,  
Povoa a solidão como um longo gemido.  
Abraçemo-nos! fica! ainda vem longe o sol!  
Não canta a cotovia: é a voz do rouxinol!

*Romeu*

É a voz da cotovia anunciando a aurora!  
Vês? há um leve tremor pelo horizonte a fora...  
Das nuvens do Levante abre-se o argênteo véu,  
E apagam-se de todo as lâmpadas do céu.  
Já sobra o cimo azul das serras nebulosas,  
Hesitante, a manhã coroada de rosas  
Agita os leves pés, e fica a palpitar  
Sobre as asas de luz, como quem quer voar.  
Olha! mais um momento, um rápido momento,  
E o dia sorrirá por todo o firmamento!  
Adeus! devo partir! Partir para viver...  
Ou ficar a teus pés para a teus pés morrer!

*Julieta*

Não é o dia! O espaço inda se estende, cheio  
Da noite caridosa. Exala do ígneo seio  
O sol, picdoso e bom, este vivo clarão  
Só para te guiar por entre a cerração...  
Fica um minuto mais! Por que partir tão cedo?

*Romeu*

Mandas? não partirei! esperarei sem medo  
Que a morte, com a manhã, venha encontrar-me aqui!  
Sucumbirei feliz, sucumbindo por ti!  
Mandas? não partirei! queres? direi contigo  
Que é mentira o que vejo e mentira o que digo!  
Sim! tens razão! não é da cotovia a voz  
Este encantado som que erra em torno de nós!  
É um reflexo da lua a claridade estranha  
Que aponta no horizonte acima da montanha!  
Fico para te ver, fico para te ouvir,  
Fico para te amar, morro por não partir!  
Mandas? não partirei! cumpra-se a minha sorte!  
Julieta assim o quis! benvinda seja a morte!  
Meu amor, meu amor! olha-me assim! assim!

## Julietta

Não! é o dia! é a manhã! Parte! fuge de mim!  
Parte! apressa-te! fuge! A cotovia canta  
E do nascente em fogo o dia se levanta...  
Ah! reconheço enfim estas notas fatais!  
O dia!... a luz do sol cresce de mais em mais  
Sobre a noite nupcial do amor e da loucura!

## Romeu

Cresce... E cresce com ela a nossa desventura!  
... (3)

Bilac talvez seja mais imponente. Mas não nos esqueçamos de que enquanto Bilac verteu a cena, Onestaldo traduziu toda a tragédia, vasada sempre em forma também apurada e bela, que honra os nossos foros de cultura literária.

5. Nem sempre, porém, podemos pecar somente pela transposição das idéias e pelo revestimento da forma. Às vezes, podemos pecar traduzindo o que não podíamos ou não devêramos traduzir.

Há expressões intraduzíveis. Muitos nomes próprios não devem ser traduzidos. Erramos quando nos metemos a traduzi-los, mesmo quando aparentemente sejam possíveis de tradução.

Há anos, ao escrever um trabalho jurídico, fui vítima de uma dessas tentações. E tive depois que desenvolver esforço sobrehumano para escapar à crítica impiedosa da banca examinadora que me ia julgar.

Acabara de escrever a minha tese de cátedra intitulada "O Direito Político de Resistência". Quando me veio às mãos impressa, notei, num dos capítulos, que havia traduzido, indevidamente, *Étienne de la Boétie* por *Estêvão da Boécia*. O que fazer? O prenome, esse podia ser traduzido: *Étienne* corresponde em português a *Estêvão*. Mas, e o *de la Boétie*? Corri aos autores nacionais e espanhóis. Ninguém, até aquela data, tinha traduzido o nome daquele monarcômaco, autor da *Servitude volontaire*.

Fiquei deveras desolado mas não desanimei. Com a pequena bibliografia de filologia que reunira no início da minha vida de professor secundário, dei tratos ao cérebro para conseguir justificação, pequena que fosse, para a minha iniciativa tradutora. O artigo francês "de *la Boétie*" abriu-me perspectivas que eu aproveitei para investigar o assunto mais profundamente. Mas nos dicionários e enciclopédias nacionais não foi promissora a pesquisa. Nada havia que

justificasse a tradução.

Desviei-me então para os glossários latinos e românicos, dos quais os dois maiores são, sem dúvida, o *Glossarium Mediae et Infinae Latinitatis*, de Du Cange, e o *Lexicon Totius Latinitatis*, de Aegidio Forcellini. Este, pude consultar no Rio, por intermédio de uma edição de Pádua, relativa a 1940, e de seu tomo V, dedicado à Onomástica. Lá encontrei, na página 271, a forma latina *Boetia*, com remissão, por analogia, à forma *Boeotia*. Para consultar o Du Cange, que não encontrei no Rio, tive que me deslocar para São Paulo, onde localizei a edição parisiense de 1840 na Faculdade de Direito da USP. Também no Du Cange, no tomo primeiro, na página 711, encontrei a forma latina *Boetia*, como nome de uma região da latinidade, a exemplo de *Beotia*, província da Grécia.

Uma fímbria de luz já se projetava na pesquisa que fazia. Complementei-a, então, consultando dicionários etimológicos franceses, o *Dictionnaire Étymologique de la langue française*, de Oscar Bloch e W. Von Wartburg, e o *Dictionnaire Étymologique des noms de famille et prénoms de France*, de Albert Dauzat.

Nesse último, edição parisiense de Larousse de 1951, encontrei a forma *Boétie* (La), como nome de domínio francês, derivado de *Boued*, donde *bouette* ou *boête* do francês moderno (do bretão *boued*), com a significação de isca para a pesca do bacalhau usado no litoral do oeste francês.

A mesma significação dá para *boête* o primeiro dos dicionários citados, cuja edição parisiense de 1950 consigna também, como o de Larousse, formas paralelas.

A conclusão é fácil. Do bretão *boued* ter-se-ia derivado o francês *boête*, ligado à pesca da região, e deste *Boétie*, nome que teria sido dado ao local respectivo. Por se tratar de um nome próprio derivado de um substantivo comum, acompanhou-se o artigo: *La Boétie*, a exemplo do que aconteceu com Recife e outros vocábulos da toponímia brasileira. *Étienne de la Boétie* teria sido, assim, um cidadão oriundo de família procedente daquela região francesa, como é comum entre os onomásticos.

Estava, afinal, desvendado o segredo que poderia justificar a tradução daquele nome de autor. Por isso, não fiz errata para o caso e aguardei, sereno, as arguições de praxe.

E elas vieram, sem dúvida, por intermédio, sobretudo, da sempre erudita e brilhante palavra do professor insigne que foi Pedro Calmon, príncipe da idéia e da forma.

Dessa vez, porém, o examinando levou vantagem. Parando suas elucubrações doutrinárias sobre o Direito, aprumou-se na cadeira e deu, com admiração de todos, uma aula de filologia que não estava no programa da defesa da

tese.

Sem dúvida, estejamos certos, a arte da tradução é sempre uma arte terrível. Mas, se ela pode jogar muitos ao chão, pode também, com esforço e perseverança, salvar outros do caminho do inferno.

## NOTAS

- 1). V. CASTILHO, FAUSTO, 3ª edição, São Paulo, Livraria Teixeira, s.d., p. 12/13.
- 2). V. WILLIAM SHAKESPEARE, Romeu e Julieta, tradução por Onestaldo de Pennafort, edição do Ministério da Educação e Saúde, 1940, pág. 14.
- 3). V. OLAVO BILAC, Poesias, 19ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1942, págs. 187 a 189.